

John le Carré
O TÚNEL DE POMBOS
Histórias da Minha Vida

Romance

Tradução de
Ana Saldanha



D.QUIXOTE

Prefácio 9

Introdução 11

1. Não seja horrível para com o seu Serviço Secreto 25
2. As leis do Dr. Globke 39
3. Visita oficial 51
4. Dedos no gatilho 54
5. A quem possa interessar 61
6. Rodas da justiça britânica 66
7. A deserção de Ivan Serov 69
8. Um legado 77
9. A inocência de Murat Kurnaz 87
10. Sair para o terreno 93
11. Um encontro acidental com Jerry Westerby 103
12. Solitário em Vientiane 108
13. Teatro do Real: danças com Arafat 113
14. Teatro do Real: a Villa Brigitte 127
15. Teatro do Real: uma questão de culpa 134
16. Teatro do Real: termos de tratamento carinhoso 138

17. O cavaleiro soviético está a morrer dentro da sua armadura 146
18. O Leste Selvagem: Moscovo em 1993 160
19. Sangue e tesouro 173
20. Os maiores ursos no jardim 184
21. Entre os inguches 198
22. O prémio de Joseph Brodsky 203
23. Da boca do profissional errado 206
24. O guardião do seu irmão 220
25. Quel Panama! 236
26. Profundamente encoberto 249
27. À caça de senhores da guerra 254
28. Richard Burton precisa de mim 268
29. Alec Guinness 283
30. Obras-primas perdidas 289
31. A gravata de Bernard Pivot 303
32. Almoço com prisioneiros 311
33. Filho do pai do autor 317
34. Para Reggie com agradecimentos 360
35. O homem muito procurado 362
36. O cartão de crédito de Stephen Spender 374
37. Conselhos a um aspirante a romancista 376
38. O último segredo oficial 377

Fontes 381

∞
PREFÁCIO

Quase não há um só livro meu que, a dada altura, não tenha tido como título provisório *O Túnel de Pombos*. A sua origem explica-se facilmente. Eu andava pelos meus quinze, dezasseis anos quando o meu pai decidiu levar-me com ele a Monte Carlo numa das suas farras de jogo. Perto do antigo casino ficava o clube desportivo, em cuja base se estendia um relvado e uma carreira de tiro com vista para o mar. Sob o relvado havia pequenos túneis paralelos que conduziam em fila à orla do mar. Neles eram inseridos pombos vivos que tinham sido criados e apanhados em armadilhas no telhado do casino. A tarefa dos pombos consistia em esvoaçar pelo túnel escuro como o breu até saírem para o céu mediterrânico para serem alvos dos cavalheiros desportistas bem almoçados que se encontravam de pé ou deitados por terra à espera com as suas espingardas. Os pombos que eles falhavam ou só feriam na asa faziam então o que os pombos fazem. Regressavam ao local do seu nascimento no telhado do casino, onde as mesmas armadilhas os aguardavam.

A razão exata por que esta imagem me assombra há tanto tempo é algo que talvez os leitores possam compreender melhor do que eu.

JOHN LE CARRÉ, janeiro de 2016

∞
INTRODUÇÃO

Estou sentado à minha secretária na cave do pequeno chalé suíço que mandei construir com os lucros de *O Espião Que Saiu do Frio* numa vila de montanha a uma hora e meia de comboio de Berna, a cidade para a qual aos dezasseis anos fugi do meu colégio inglês e onde me matriculei na universidade de Berna. Aos fins de semana, um grande grupo de nós estudantes, rapazes e raparigas, na sua maioria naturais de Berna, subíamos até às Oberlands, pernoitando em abrigos de montanha, para esquiarmos a nosso contento. Tanto quanto alguma vez soube, éramos a verdadeira imagem da proibidade: rapazes para um lado, raparigas para o outro, nunca as duas partes se encontravam. Ou, se o faziam, eu nunca fui um deles.

O chalé fica acima da vila. Pela minha janela, se olhar bem para cima, avisto os picos do Eiger, do Mönch e do Jungfrau, e, os mais belos de todos, o Silberhorn e o Kleines Silberhorn meio passo abaixo: dois cones de gelo suavemente pontiagudos que periodicamente sucumbem ao vento quente do sul, o chamado Föhn, e ficam pardos, para reaparecerem dias mais tarde em toda a sua glória de noivas.

Entre os nossos santos patronos contam-se o ubíquo compositor Mendelssohn – sigam-se as setas para a caminhada de

Mendelssohn – o poeta Goethe, embora pareça só ter chegado até às cataratas de Lauterbrunnental, e o poeta Byron, que chegou até Wengernalp e detestou, protestando que a visão das nossas florestas devastadas pela tempestade «me recordava eu próprio e a minha família».

Mas o santo patrono que mais veneramos é, indubitavelmente, um tal Ernst Gertsch, que trouxe fama e fortuna à vila ao inaugurar a Corrida de Esqui de Lauberhorn em 1930, na qual venceu o *slalom*. Uma vez, fui suficientemente louco para participar nela e, por uma combinação de incompetência e de puro medo, previsivelmente acabei em fiasco. Segundo as minhas pesquisas, não contente em tornar-se o pai das corridas de esqui, Ernst viria a dar-nos as bordas de aço dos esquis e as plataformas de aço dos fixadores, pelo que podemos estar-lhes agradecidos.

Como estamos no mês de maio, temos o tempo de todo um ano numa semana: ontem mais de meio metro de neve fresca e nem um só esquiador para desfrutar dela; hoje um sol escaldante sem obstruções, a neve quase desaparecida de novo e as flores da primavera outra vez em força. E agora, neste fim de tarde, nuvens de trovoada de um cinzento-escuro azulado a prepararem-se para marchar pelo vale de Lauterbrunnen como a Grande Armée de Napoleão.

E provavelmente atrás delas, e porque nos últimos dias nos tem sido poupada a sua visita, o Föhn vai regressar, e o céu, os prados e as florestas ficarão sem cor e o chalé vai dar estalidos e agitar-se e o fumo da lenha evolar-se do fogão de sala para o tapete pelo qual pagámos demasiado naquela tarde de chuva em Interlaken no inverno sem neve de não sei que ano, e todos os retinidos e buzinelas que vêm lá de baixo do vale soarão como um soturno apelo de protesto e todas as aves se confinarão aos seus ninhos enquanto o vento durar, excetuando as gralhas, que não aceitam ordens de ninguém. Durante o Föhn não conduza, não peça em

casamento. Se sentir uma dor de cabeça ou o impulso de matar o vizinho, console-se. Não é uma ressaca, é o Föhn.

O chalé ocupa um lugar nos meus oitenta e quatro anos de vida que é bastante desproporcionado em relação ao seu tamanho. Nos anos antes de o construir, vinha para esta vila em rapaz, primeiro para esquiar com esquis de freixo ou de noqueira, usando peles de foca para trepar para o cimo do monte e fixadores de couro para descer outra vez, e depois para fazer caminhadas nas montanhas com o meu sábio mentor de Oxford, Vivian Green, que viria a ser reitor de um dos colégios, Lincoln College, e que, com o seu exemplo, me deu a vida interior de George Smiley.

Não é coincidência que Smiley, tal como Vivian, adorasse os Alpes suíços, que, tal como ele, encontrasse consolo na paisagem ou que, tal como eu, tivesse uma relação não reconciliada de toda a vida com a musa alemã.

Era Vivian quem me aturava os longos queixumes sobre o meu caprichoso pai, Ronnie; foi Vivian mais uma vez que, quando Ronnie teve uma das suas falências mais espetaculares, arranjou o dinheiro necessário para as minhas propinas e me arrastou de volta para eu acabar os estudos.

Em Berna travei conhecimento com o herdeiro da família mais antiga de proprietários de hotéis na Oberland. Sem a sua influência, mais tarde, eu nunca teria tido autorização para construir o chalé, porque nessa época, como ainda agora, os estrangeiros não podem ser proprietários de um metro quadrado que seja de terreno da vila.

Foi também enquanto estive em Berna que dei os primeiros passos de criança no Serviço Secreto britânico, entregando não sabia o quê a não sabia quem. Ultimamente passo bastantes momentos ocasionais a perguntar-me como teria sido a minha vida se não tivesse fugido do colégio ou se tivesse fugido numa direção diferente. Parece-me agora que tudo o que viria a acontecer-me

mais tarde na vida foi consequência daquela decisão impulsiva de adolescente de sair de Inglaterra pela via disponível mais rápida e adotar a musa alemã como uma mãe substituta.

Eu não era um fracasso no colégio, longe disso: capitão de coisas, vencedor de prêmios escolares, potencial menino de ouro. E foi uma fuga muito discreta. Não uivei nem berrei. Limitei-me a dizer: – Pai, pode fazer-me o que quiser, mas eu não volto. – E, muito provavelmente, culpei o colégio pelas minhas mágoas – e a Inglaterra juntamente com ele – quando o meu motivo real era afastar-me do meu pai a todo o custo, o que não poderia propriamente dizer-lhe. Desde então, claro, já vi os meus próprios filhos fazerem o mesmo, embora com mais elegância e muito menos alarido.

Mas nada disso responde à questão central de que direção a minha vida poderia ter tomado. Sem Berna, eu teria sido recrutado como moço de recados adolescente do Serviço Secreto britânico, fazendo aquilo a que no meio se chama *um pouco disto e daquilo*? Nessa época, não tinha ainda lido *Ashenden*, de Somerset Maugham, mas lera *Kim*, de Kipling e uma série de histórias de aventuras chauvinistas da autoria de G. A. Henty e outros da sua laia. Dornford Yates, John Buchan e Rider Haggard estavam acima de qualquer crítica.

E é claro que, uns escassos quatro anos depois do fim da guerra, eu era o maior patriota britânico do hemisfério. Na minha escola preparatória, nós os rapazes tornáramo-nos especialistas na identificação de espões alemães nas nossas fileiras e eu era considerado um dos melhores operacionais da contraespionagem. No colégio, o nosso fervor patriótico não tinha limites. Fazíamos «Corps» – treino militar, fardados a preceito – duas vezes por semana. Os nossos jovens professores tinham regressado bronzeados da guerra e nos dias de «Corps» exibiam as suas medalhas. O meu professor de Alemão tivera uma guerra maravilhosamente misteriosa.

O nosso orientador vocacional preparou-nos para uma vida de serviço em longínquos postos avançados do império. Na Abadia no centro da nossa pequena cidade estavam penduradas bandeiras regimentais esburacadas por balas, de guerras coloniais na Índia, na África do Sul e no Sudão, com os farrapos restaurados à sua anterior glória sobre uma rede por mãos femininas devotadas.

Por consequência, não foi surpresa nenhuma que quando o Grande Apelo me foi feito na pessoa de uma matrona de trinta e tal anos chamada Wendy, da secção de visto da Embaixada britânica em Berna, o colegial inglês de dezassete anos fora do seu meio numa universidade estrangeira se pusesse em sentido e dissesse: – Ao seu serviço, *Ma'am!*

Mais difícil de explicar é a minha predileção incondicional pela literatura alemã numa altura em que, para muitas pessoas, a palavra *alemão* era sinónima de mal sem paralelo. No entanto, tal como a minha fuga para Berna, essa predileção determinou tudo o que viria a passar-se na minha vida. Sem ela, nunca teria visitado a Alemanha em 1949 por insistência do meu professor de Alemão, um refugiado judeu, nunca teria visto as cidades arrasadas do Ruhr nem teria ficado doente como um cão, deitado num velho colchão da Wehrmacht num hospital de campanha alemão improvisado no Metro de Berlim; nem teria visitado os campos de concentração de Dachau e Bergen-Belsen enquanto o fedor ainda persistia nas casernas, para regressar daí à tranquilidade imperturbada de Berna, para o meu Thomas Mann e o meu Hermann Hesse. Certamente nunca teria sido enviado para a Áustria, um país ainda sob ocupação, numa missão de recolha de informações secretas em cumprimento do serviço militar obrigatório, não teria estudado língua e literatura alemãs em Oxford nem teria ido dar aulas no colégio particular de Eton, não teria sido colocado na Embaixada britânica em Bona alegadamente como diplomata júnior nem teria escrito romances com temas alemães.

O legado daquela imersão inicial em coisas alemãs parece-me agora bastante claro. Proporcionou-me um espaço próprio num território eclético; alimentou o meu romantismo incurável e o meu amor pelo lirismo; instilou-me a noção de que a viagem de um homem, do berço à tumba, era uma viagem de educação infundável – não exatamente um conceito original, e provavelmente questionável, mas, mesmo assim... E quando acabei por estudar os dramas de Goethe, de Lenz, de Schiller, de Kleist e de Büchner, descobri que me identificava igualmente com a sua austeridade clássica e com o seu excesso neurótico. O truque, pareceu-me, era disfarçar um com o outro.

*

O chalé está quase com cinquenta anos. Todos os invernos, enquanto os meus filhos se foram criando, vínhamos cá para esquiar, e foi aqui que passámos os melhores momentos juntos. Por vezes, vínhamos também na primavera. Foi igualmente aqui que durante quatro semanas hilariantes no inverno de 1967, penso eu, me enclausurei com Sydney Pollack, o realizador de *Tootsie*, *África Minha* e – o meu favorito – *Os Cavalos Também Se Abatem*, enquanto tentávamos conceber um argumento com base no meu romance *Algueres na Alemanha*.

A neve naquele inverno estava perfeita. Sydney nunca esquiara, nunca estivera na Suíça. A visão de esquiadores contentes a passarem despreocupados pela varanda da casa foi simplesmente demasiado para ele. Tinha de ser um deles, e tinha de o ser naquele momento. Queria que eu o ensinasse, mas, graças a Deus, telefonei a Martin Epp: instrutor de esqui, lendário guia da montanha e um dos raros homens a ter escalado sozinho a encosta norte do Eiger.

O ilustre realizador de cinema de South Bend, Indiana, e o ilustre montanhista de Arosa deram-se logo bem. Sydney nunca fazia

nada pela metade. Daí a dias, já era um esquiador competente. Apoderou-se também dele o desejo apaixonado de realizar um filme sobre Martin Epp, que não tardou a transcender o seu desejo de fazer *Algures na Alemanha*. O Eiger desempenharia o papel do Destino. Eu escreveria o argumento, Martin faria de si próprio e Sydney seria içado pela encosta do Eiger para o filmar. Telefonou ao seu agente e falou-lhe sobre Martin. Telefonou ao seu psicanalista e falou-lhe sobre Martin. A neve mantinha-se perfeita e tinha algum impacto sobre a energia de Sydney. À noite, depois de um banho, decidimos, seria a melhor altura para escrever. Quer fosse quer não, nem um filme nem o outro chegaram a ser realizados.

Mais tarde, para alguma surpresa minha, Sydney emprestou o chalé a Robert Redford para ele se familiarizar com o ambiente do seu filme *Os Corredores da Montanha*. Infelizmente, não cheguei a conhecê-lo, mas durante anos, sempre que ia à vila, desfrutava do prestígio de ser amigo de Robert Redford.

*

Estas são histórias verdadeiras, contadas de memória – ao que os leitores têm o direito de perguntar o que é a verdade e o que é a memória para um escritor de obras criativas naquilo a que poderíamos delicadamente chamar o entardecer da sua vida. Para o advogado, a verdade são factos sem adornos. Quer tais factos possam alguma vez encontrar-se é outra questão. Para o escritor de obras criativas, os factos são a matéria-prima bruta, não o seu capataz, mas o seu instrumento, e a sua tarefa é fazê-los cantar. A verdade real reside, se reside algures, não nos factos, mas nos matizes.

Aqui e ali, onde pensei que a história o merecia, fui buscar pedaços de conversas ou descrições a artigos de jornal que escrevi na altura, porque a sua frescura me agradava, e porque mais

tarde a minha memória não proporcionava a mesma acuidade: por exemplo, a minha descrição de Vadim Bakatin, em tempos chefe do KGB. Noutros casos, deixei a história praticamente como a escrevi na altura, limitando-me a suprimir pormenores desnecessários aqui e ali e a acrescentar ocasionalmente uma nota ornamental para a clarificar ou atualizar.

Não parto do princípio de que os meus leitores conhecem a fundo a minha obra – ou até que a conhecem de todo em todo, daí alguns trechos explicativos ocasionais. Mas por favor acreditem que em nenhuma parte falseei conscientemente um acontecimento ou uma história. Disfarçado onde necessário, sim. Falseado, enfaticamente não. E onde quer que a minha memória seja tremida, tive o cuidado de o dizer. Como um relato da minha vida recentemente publicado fornece versões sumárias de uma ou duas das histórias, naturalmente agrada-me reclamá-las como minhas, contá-las com a minha própria voz e imbuí-las o melhor que posso com os meus sentimentos.

Alguns episódios adquiriram uma significação de que eu não tinha consciência na altura, talvez devido à morte de um dos seus principais intervenientes. Ao longo de uma longa vida não mantive um diário, só aqui e ali um apontamento ocasional de viagens ou uma linha de diálogo irrecoverável: por exemplo, dos dias que passei com Yasser Arafat, presidente da OLP, antes da sua expulsão do Líbano; e mais tarde, da minha visita abortiva ao seu hotel branco em Tunes, a mesma cidade na qual vários membros do seu estado-maior, alojados a alguns quilómetros dele, foram assassinados por um esquadrão israelita algumas semanas depois da minha partida.

Homens e mulheres com poder atraíam-me porque estavam ali e porque eu queria saber o que os movia. No entanto, tudo o que pareço ter feito na sua presença, agora que penso nisso, foi acenar sagazmente, abanar a cabeça quando devia e tentar dizer

uma piada por outra para aliviar a tensão. Só mais tarde, já no meu quarto de hotel, tirava do bolso o meu bloco de apontamentos todo amarrotado e tentava dar um sentido ao que tinha ouvido e visto.

Os outros apontamentos que sobrevivem das minhas viagens na sua maior parte não foram feitos por mim pessoalmente, mas pelas personagens de ficção que levei comigo para me proteger quando fazia incursões no terreno. Era do seu ponto de vista, não do meu, e nas suas palavras, que os apontamentos eram escritos. Quando me vi encolhido numa trincheira ao lado do rio Mekong e pela primeira vez na minha vida ouvi balas a baterem contra a terra enlameada acima de mim, não foi a minha mão trémula que confidenciou a minha indignação a um reles bloco de apontamentos, mas a mão do meu corajoso herói ficcional, o repórter da linha da frente Jerry Westerby, para quem ser alvo de tiros era uma parte da rotina diária. Costumava pensar que era excepcional a este respeito até conhecer um célebre fotógrafo de guerra que me confessou que era só quando estava a espreitar pela lente da sua câmara que o pânico o abandonava.

Bem, a mim nunca me abandonou. Mas sei do que ele estava a falar.

*

Quem tiver alguma vez a sorte de obter êxito muito cedo como escritor, como me aconteceu com *O Espião Que Saiu do Frio*, terá para o resto da vida a sensação de haver um antes-da-queda e um depois-da-queda. Olhamos para trás, para os livros que escrevemos antes de os focos se assestarem sobre nós, e parecem-nos os livros da nossa inocência; e os livros escritos depois, nos momentos em que nos sentimos mais em baixo, como as tentativas de um homem em julgamento. «Esforçou-se demasiado», gritam

os críticos. Não pensei que estivesse a esforçar-me demasiado. Achava que devia ao meu sucesso dar o melhor de mim mesmo, e, no geral, por melhor ou pior que fosse o meu melhor, foi o que fiz.

E adoro escrever. Adoro fazer o que estou a fazer neste momento, a escrevinhar como um homem escondido, a uma secretária pequena, no início de uma manhã de maio com nuvens pretas, com a chuva da montanha a escorrer pela janela e sem a desculpa de ter de descer à estação ferroviária abrigado por um guarda-chuva, porque o *International New York Times* só chega à hora do almoço.

Adoro escrever em trânsito, em blocos de apontamentos durante caminhadas, em comboios e em cafés, e depois voltar à pressa para casa para esmiuçar o meu tesouro. Quando estou em Hampstead, há um banco no parque que prefiro, à sombra de uma árvore de copa frondosa e afastado dos seus companheiros, e é aí que gosto de escrevinhar. Sempre escrevi só à mão. Por arrogância, talvez, prefiro manter a tradição de séculos de escrita não mecanizada. O artista gráfico falhado em mim aprecia de facto o desenhar das palavras.

Do que mais gosto é da *privacidade* de escrever, a razão pela qual não participo em festivais literários e, tanto quanto possível, rejeito entrevistas, mesmo que possa não parecer. Há alturas, usualmente à noite, em que penso que gostaria de nunca ter dado uma só entrevista que fosse. Primeiro, uma pessoa inventa-se a si própria e depois acaba por acreditar na sua própria invenção. Não é um processo que seja compatível com o autoconhecimento.

Em viagens de pesquisa, estou parcialmente protegido por ter um nome diferente na vida real. Posso assinar o meu nome em registos de hotéis sem me perguntar ansiosamente se ele será reconhecido: depois, quando não é, pergunto-me ansiosamente porque não. Quando me vejo obrigado a identificar-me perante pessoas cuja experiência pretendo explorar, os resultados

variavam. Uma pessoa recusa-se a confiar em mim mais um milímetro que seja, a seguinte promove-me a Chefe do Serviço Secreto e, sobrepondo-se aos meus protestos de que só cheguei a ser a forma mais rudimentar da vida secreta, responde que é o que eu diria, não é? Após o que prossegue enchendo-me com confidências que não quero e não posso usar e que não recordarei, presumindo erradamente que as transmitirei a Nós Sabemos Quem. Furneci um par de exemplos deste dilema tragicómico.

No entanto, a maioria das desafortunadas almas que tenho bombardeado desta maneira ao longo dos últimos cinquenta anos – de executivos médios na indústria farmacêutica a banqueiros, mercenários e vários tipos de espões – tem-me demonstrado paciência e generosidade. Os mais generosos foram os repórteres de guerra e os correspondentes estrangeiros, que acolheram o romancista parasítico sob a sua asa, lhe atribuíram uma coragem que ele não possuía e lhe permitiram segui-los.

Não consigo imaginar-me a partir nas minhas incursões no Sudeste Asiático e no Médio Oriente sem os conselhos e a camaradagem de David Greenway, o correspondente para o Sudeste Asiático muitas vezes condecorado da revista *Time* e dos jornais *Washington Post* e *Boston Globe*. Nenhum tímido neófito pode alguma vez ter-se atrelado a uma estrela tão fidedigna como ele. Numa manhã de neve em 1975, ele estava sentado à mesa do pequeno-almoço aqui no chalé, a desfrutar de uma breve pausa da frente de batalha, quando lhe telefonaram do seu escritório em Washington para lhe dizer que a cidade sitiada de Phnom Penh estava prestes a cair nas mãos do Khmer Vermelho. Não há estrada para o vale da nossa vila, só um pequeno comboio que nos leva a um comboio maior que nos leva a um comboio maior ainda e daí ao aeroporto de Zurique. Num abrir e fechar de olhos, ele mudou de roupa, da sua indumentária alpina para umas calças de tecido de algodão resistente e uns sapatos de camurça velhos,

despediu-se da mulher e das filhas com um beijo e precipitou-se pela colina abaixo para a estação. Eu segui-o a correr com o seu passaporte.

Greenway foi um dos últimos jornalistas dos Estados Unidos a ser tirado por via aérea do telhado da Embaixada americana sitiada em Phnom Penh. Em 1981, quando fui acometido por disenteria na Ponte Allenby, que liga a Faixa Ocidental à Jordânia, Greenway impeliu-me por entre a multidão de viajantes impacientes que aguardavam o seu processamento, convenceu os guardas do posto fronteiriço através de pura força de vontade e passou-me para o outro lado da ponte.

Ao reler alguns dos episódios que descrevi, compreendo que, por egotismo ou para obter uma história mais vívida, não mencionei quem mais se encontrava presente na altura.

Penso na minha conversa com o físico russo e prisioneiro político Andrei Sakharov e com a sua mulher Elena Bonner, que ocorreu num restaurante na que era ainda Leninegrado, sob a égide da organização Human Rights Watch, três membros da qual se encontravam sentados à mesa connosco e sofreram as mesmas intrusões infantis da tropa de falsos fotojornalistas do KGB, que desfilavam num círculo à nossa volta, a dispararem-nos no rosto as suas câmaras com *flashes* à moda antiga. Noutros locais, espero, outras pessoas do nosso grupo escreveram o seu relato daquele dia histórico.

Penso em Nicholas Elliott, o amigo e colega de longa data do agente duplo Kim Philby, a andar de um lado para o outro na sala de estar da nossa casa de Londres com um cálice de *brandy* na mão, e recordo-me, demasiado tarde, que a minha mulher estava tão presente como eu, sentada num cadeirão em frente a mim, e igualmente fascinada.

E recordo, no momento em que escrevo isto, a noite em que Elliott trouxe Elizabeth, a sua mulher, para jantarem connosco,

e tivemos a companhia de um querido convidado iraniano, que falava um inglês impecável com um pequeno e bastante atraente defeito de fala. Depois de o nosso convidado iraniano se retirar, Elizabeth virou-se para Nicholas com um brilho nos olhos e disse, excitadamente:

– Reparaste na gaguez dele, querido? *Tal e qual* como o Kim!

O longo capítulo sobre o meu pai, Ronnie, coloco-o no final do livro em vez de no início, porque, embora ele o preferisse, eu não quis que fosse à força cabeça de cartaz. Apesar de todas as horas que passei a consumir-me com ele, continua a ser um mistério tão grande como a minha mãe. A não ser que eu indique o contrário, as histórias que conto foram cunhadas para este livro. Quando vi necessidade, mudei um nome. O principal interveniente talvez esteja morto, mas os seus herdeiros e legatários podem não achar piada. No relato da minha vida, tentei seguir um caminho ordeiro no sentido temático, se não cronológico, mas, como a própria vida, o caminho alargou-se e tornou-se incoerente, e algumas histórias tornaram-se simplesmente o que continuam a ser para mim: incidentes isolados, autónomos, não apontando em nenhuma direção de que eu tenha consciência, contados pelo que acabaram por significar para mim e porque me alarmam, assustam ou comovem, ou porque me acordam a meio da noite e me fazem rir alto.

Com a passagem do tempo, alguns dos encontros que descrevi adquiriram aos meus olhos o estatuto de minúsculos pedaços de história captados em flagrante, o que, suponho, é o que sentem todas as pessoas mais velhas. Ao relê-los no seu todo, da farsa à tragédia e da tragédia à farsa, acho-os levemente irresponsáveis, e não sei bem porquê. Talvez seja a minha vida que acho irresponsável. Mas é demasiado tarde para fazer algo quanto a isso.

Há muitas coisas sobre as quais não me sinto inclinado para escrever nunca, como na vida de qualquer outra pessoa. Tive duas esposas imensamente leais e dedicadas e devo a ambas um agradecimento imensurável e não poucas desculpas. Não fui nem um pai nem um marido modelo, e não me interessa aparecer dessa maneira. O amor aconteceu-me tarde, depois de muitos passos em falso. Devo a minha educação ética aos meus quatro filhos. Sobre o meu trabalho para o Serviço Secreto britânico, realizado na sua maior parte na Alemanha, não pretendo acrescentar nada ao que já foi relatado por outros, de modo inexato, noutros lugares. Nisto, sinto-me obrigado por vestígios de uma lealdade antiquada ao meu anterior Serviço, mas também pelas promessas que fiz aos homens e às mulheres que acederam a colaborar comigo. O nosso entendimento era que a promessa de confidencialidade não estaria sujeita a nenhum limite de tempo, mas que se alargaria aos seus descendentes por várias gerações. Embora o trabalho em que nos envolvemos não fosse perigoso nem dramático, envolvia um autoexame doloroso da parte dos que se comprometiam a empreendê-lo. Quer essas pessoas estejam atualmente vivas ou mortas, a promessa de confidencialidade mantém-se.

A espionagem foi-me imposta desde a nascença tanto como, suponho, o mar foi imposto a C. S. Forester* ou a Índia a Paul Scott†. Do mundo secreto que conheci em tempos tentei fazer um teatro para os mundos mais amplos que habitamos. Primeiro vem a imaginação, depois a busca da realidade. De seguida, o regresso à imaginação, e à secretária à qual estou sentado agora.

* C. S. Forester. Escritor britânico que ficou conhecido pelos seus romances de aventuras, entre os quais *A Rainha Africana*, posteriormente adaptado ao cinema sob a direção de John Huston. (*N da T.*)

† Paul Scott. Escritor britânico cuja obra *The Raj Quartet*, sobre os últimos tempos do Império Britânico na Índia, inspirou a série televisiva *A Joia da Coroa*. (*N. da T.*)



NÃO SEJA HORRÍVEL PARA
COM O SEU SERVIÇO SECRETO

– Sei o que você é – berra Denis Healey, um ex-ministro da Defesa britânico do Partido Trabalhista, numa festa particular para a qual fomos ambos convidados, com a mão estendida enquanto avança da porta a abrir caminho na minha direção. – É um espião comunista, é o que é, admita-o lá.

E eu admito-o, como os bons sujeitos admitem tudo nestes casos. E toda a gente se ri, incluindo o meu anfitrião ligeiramente sobressaltado. E eu rio-me também, porque sou um bom sujeito e aguento uma piada tão bem como qualquer outra pessoa, e porque Denis Healey talvez seja uma Grande Fera no Partido Trabalhista e um arruaceiro político, mas é também um considerável estudioso e humanista que admiro e que já bebeu mais uns copos do que eu.

– Seu *filho da mãe*, Cornwell – um agente de meia-idade do MI6, em tempos meu colega, berra-me do outro lado da sala quando se junta um grupo de figuras do meio em Washington para uma recepção diplomática cujo anfitrião é o embaixador britânico. – Seu *rematado* filho da mãe. – Ele não contava encontrar-se comigo, mas, agora que me vê, sente-se contente com a oportunidade de me dizer o que pensa de mim por insultar a honra do Serviço – da porra do nosso Serviço, porra! – e por fazer de palhaços os

homens e as mulheres que amam o seu país e não podem responder ao meu ataque. Está de pé diante de mim na posição corcovada de um homem prestes a desatinar, e, se umas mãos diplomáticas não o tivessem afastado delicadamente um passo, na manhã seguinte a imprensa teria tido um dia em cheio.

As conversas de festa são gradualmente retomadas. Mas não antes de eu averiguar que o livro que o irritou não é *O Espião Que Saiu do Frio*, mas o seu sucessor, *Guerra de Espelhos*, que conta uma história sombria de um agente britânico-polaco enviado numa missão à Alemanha de Leste e deixado ali a apodrecer. Infelizmente, a Alemanha de Leste pertencia à paróquia do meu acusador na época em que trabalhámos juntos. Passa-me pela cabeça dizer-lhe que Allen Dulles, o diretor da CIA recentemente aposentado, declarara que o livro estava muito mais próximo da realidade do que o seu predecessor, mas receio que isso só agrave a sua fúria.

– Sem coração, é o que somos? Incompetentes sem coração! Muitíssimo obrigado!

O meu furioso ex-colega não é o único. Em tons menos fogosos, a mesma recriminação tem-me sido feita repetidamente ao longo das últimas cinco décadas, não no âmbito de qualquer iniciativa sinistra ou concertada, mas como o refrão de homens e mulheres magoados, que consideram que estão a fazer um trabalho necessário.

– Porquê implicar *connosco*? *Você* sabe como somos *realmente*.
– Ou, mais maldosamente: – Agora que ganhou uma pipa de massa à nossa custa, talvez nos deixe em paz por uns tempos.

E sempre, algures, o lembrete de vítima de que o Serviço não tem poder de resposta; de que é indefeso contra a propaganda negativa; de que não se podem cantar loas aos seus êxitos; que só pode ser conhecido pelos seus fracassos.

– Decididamente, não somos como aqui o nosso anfitrião nos descreve – diz Sir Maurice Oldfield a Sir Alec Guinness em vários momentos durante o almoço.

Oldfield foi em tempos chefe do Serviço Secreto, dispensado mais tarde por Margaret Thatcher, mas, na época do nosso encontro, é só mais um outro velho espião aposentado.

– Sempre quis conhecer Sir Alec – disse-me na sua voz acolhedora do Norte de Inglaterra quando o convidei para almoçar. – Desde que fui sentado em frente a ele no comboio de Winchester para norte. Teria metido conversa com ele se me atrevesse.

Guinness está prestes a desempenhar o papel do meu agente secreto George Smiley na adaptação televisiva da BBC de *A Toupeira* e quer saborear a companhia de um verdadeiro velho espião. Mas o almoço não se desenrola tão facilmente como eu esperava. Durante as entradas, Oldfield louva os padrões éticos do seu velho Serviço e dá a entender, da maneira mais simpática possível, que «aqui o jovem David» manchou o seu bom-nome. Guinness, que foi oficial da marinha e que, mal conheceu Oldfield, se autopromoveu aos mais altos escalões do Serviço Secreto, limita-se a abanar a cabeça sagazmente e a concordar. Enquanto comemos um linguado, Oldfield faz avançar a sua tese mais um passo:

– São o jovem David e os da sua laia – declara a Guinness, que se encontra do outro lado da mesa, ignorando-me a mim, que estou sentado ao seu lado – que tornam muito mais difícil ao Serviço recrutar agentes e fontes em condições. Leem os livros dele e ficam desencorajados. É natural.

Ao que Guinness baixa as pálpebras e abana a cabeça numa atitude de deploração, enquanto eu pago a conta.

– Devia inscrever-se no Athenaeum, David – diz Oldfield bondosamente, dando a entender que, de algum modo, o Athenaeum fará de mim uma pessoa melhor. – Eu apadrinho-o. Aí tem. Agradava-lhe isso, não agradava? – E para Guinness, enquanto nós os três nos encontramos ainda na soleira da porta do restaurante: – Um verdadeiro prazer, Alec. Uma honra, devo dizer. Entraremos em contacto muito em breve, tenho a certeza.

– Sem dúvida que sim – responde Guinness devotamente, enquanto os dois velhos espões dão um aperto de mão.

Aparentemente sem ter ainda desfrutado o suficiente da companhia do nosso convidado de partida, Guinness fita-o com simpatia enquanto ele desce a rua com passos pesados: um pequeno e vigoroso cavalheiro decidido, a caminhar com o guarda-chuva espetado para a frente enquanto desaparece por entre a multidão.

– Que tal mais um conhaque para o caminho? – sugere Guinness, e mal retomámos os nossos lugares começa o interrogatório:

– Aqueles botões de punho de tão mau gosto. *Todos* os nossos espões os usam?

Não, Alec, penso que o Maurice simplesmente gosta de botões de punho de mau gosto.

– E aqueles botins de camurça de um cor de laranja tão berriante, com solas de borracha. São para andar furtivamente?

Penso que, de facto, é só por uma questão de conforto, Alec. A borracha chia.

– Então, diga-me uma coisa. – Pega num copo vazio. Inclinando-o, dá-lhe um piparote com a ponta grossa do seu dedo.

– Já vi certas pessoas fazerem *isto* – fita com um ar meditativo o interior do copo enquanto continua a dar-lhe piparotes – e já vi certas pessoas fazerem *isto* – agora roda o dedo à volta da borda do copo na mesma atitude contemplativa. – Mas nunca vi ninguém fazer *isto* – mete o dedo no copo e passa-o à volta do seu interior.

– Acha que ele estava à procura de vestígios de veneno?

Ele estará a falar a sério? A criança que há em Guinness nunca falou mais a sério na sua vida. Bem, suponho que, se era de vestígios que ele estava à procura, já teria bebido o veneno nessa fase, sugiro. Mas Guinness prefere ignorar-me.

É matéria para a história da televisão que os botins de camurça de Oldfield, com ou sem solas de borracha, e o seu guarda-chuva apontado para a frente para abrir caminho se tornaram adereços

essenciais para Guinness retratar George Smiley, o velho espião apressado. Não verifiquei recentemente o que se passou com os botões de punho, mas recorde-me de o nosso realizador os achar um pouco exagerados e persuadir Guinness a trocá-los por algo menos vistoso.

O outro legado do nosso almoço foi menos agradável, embora artisticamente mais criativo. A repugnância de Oldfield pelo meu trabalho – e, suspeito, por mim próprio – calou fundo na alma de ator de Guinness, que não deixava de me recordar quando sentia a necessidade de acentuar a sensação de culpa pessoal de George Smiley; ou, como gostava de dar a entender, da minha.

*

Nos últimos cerca de cem ou mais anos, os nossos espiões britânicos têm mantido um caso de amor-ódio perturbado e por vezes hilariante com os seus romancistas ariscos. Tal como os próprios romancistas, querem a imagem, querem o *glamour*, mas não se lhes peça que aceitem a troça ou as críticas negativas. Nos primeiros anos do século xx, escritores de romances de espionagem de qualidade variável, de Erskine Childers a William Le Queux e E. Phillips Oppenheim, atiçaram um tal furor antigermânico que poderiam com justiça reclamar a sua colaboração no nascimento e estabelecimento de um serviço de segurança. Até então, supostamente um cavalheiro não lia as cartas de outro cavalheiro; mesmo que, na realidade, muitos cavalheiros o fizessem. Com a guerra de 1914-18 veio o romancista Somerset Maugham, agente secreto britânico, ao que parece não muito bom. Quando Winston Churchill se queixou de que o seu livro *Ashenden* violava a Lei dos Segredos Oficiais*, Maugham, com a ameaça de um escândalo homossexual

* Citado em *Secret Service*, de Christopher Andrew, publicado em 1985 por William Heinemann.

a pairar sobre ele, queimou catorze contos ainda não publicados e adiou a publicação do resto até 1928.

Compton Mackenzie, romancista, biógrafo e nacionalista escocês, não se deixou intimidar tão facilmente. Dispensado do exército por invalidez na Primeira Guerra Mundial, transferiu-se para o MI6 e tornou-se um competente chefe da contrainteligência britânica na Grécia, um país neutro na altura. No entanto, também ele frequentemente considerava as suas ordens e os seus superiores absurdos e, como outros escritores, troçava deles. Em 1932, foi processado ao abrigo da Lei dos Segredos Oficiais e multado em cem libras pelo seu livro autobiográfico *Greek Memories* [Memórias Gregas], uma obra que estava de facto recheada de indiscrições gritantes. Em vez de aprender a lição, vingou-se um ano depois com o satírico *Water on the Brain* [Água no Cérebro]. Ouvi dizer que na ficha de Mackenzie no MI5 existe uma carta escrita com letras garrafais, dirigida ao Diretor-Geral e assinada com a tradicional tinta verde do Chefe do Serviço Secreto.

«O pior de tudo», escreve o Chefe ao seu camarada de armas no outro lado de St. James's Park, «é que Mackenzie revelou os símbolos efetivamente empregados na correspondência do Serviço Secreto*, *alguns dos quais ainda estão a uso.*» O espírito de Mackenzie deve estar a esfregar as mãos de contente.

Mas o mais impressionante de entre os desertores literários do MI6 deve ser com certeza Graham Greene, embora eu duvide que ele soubesse o quão perto esteve de seguir Mackenzie para o Old Bailey†. Uma das recordações que mais prezo, dos finais dos anos 1950, é a de tomar um café com o advogado do MI5 na excelente cantina do Serviço de Segurança. Ele era um sujeito afável, fumador de cachimbo, mais advogado de família do que

* Essa correspondência começava tradicionalmente por um código de três letras a indicar a delegação do MI6, seguido por um número que denotava o membro dessa delegação.

† Tribunal criminal em Londres. (*N. da T.*)

burocrata, mas nessa manhã encontrava-se profundamente perturbado. Um exemplar prévio de *O Nosso Homem em Havana* tinha chegado à sua secretária, e ele ia a meio da sua leitura. Quando eu disse que lhe invejava a sorte, ele suspirou e abanou a cabeça. Aquele sujeito, o Greene, disse, teria de ser processado. Utilizando informações obtidas como agente do MI6 durante a guerra, retratara com exatidão a relação entre um chefe de delegação numa embaixada britânica e um agente no terreno. Teria de ir para a prisão.

– E é um bom livro – queixou-se. – É um livro *mesmo* bom. E esse é que é o problema.

Folheei atentamente os jornais à procura da notícia da detenção de Greene, mas ele manteve-se à solta. Talvez os barões do MI5 tivessem decidido afinal que era preferível rir do que chorar. Pelo seu ato de clemência, Greene recompensou-os vinte anos depois com *O Fator Humano*, que os retratava não meramente como tontos, mas como assassinos. No entanto, o MI6 deve ter-lhe enviado um aviso. No prefácio de *O Fator Humano*, ele tem o cuidado de nos assegurar que não infringiu a Lei dos Segredos Oficiais. Procure-se um dos primeiros exemplares de *O Nosso Homem em Havana* e encontrar-se-á uma declaração similar.

Contudo, a História sugere que os nossos pecados acabam por ser esquecidos. Mackenzie terminou os seus dias com o título de cavaleiro, Greene com a Ordem de Mérito.

– No seu novo romance – perguntou-me um jornalista americano empenhado –, põe um homem a dizer sobre a sua personagem central que ele não se teria tornado traidor se tivesse conseguido escrever. Pode dizer-me, por favor, o que teria sido de si se não tivesse conseguido escrever?

Em busca de uma resposta segura para esta perigosa questão, pergunto-me se os nossos serviços secretos não deveriam afinal sentir-se gratos aos seus desertores literários. Comparado

com o inferno que poderíamos criar por outros meios, escrever é tão inofensivo como uma brincadeira de crianças. Como os nossos pobres espiões acossados devem estar a desejar que Edward Snowden tivesse antes escrito um romance.

*

Então, o que é que eu deveria ter respondido naquela festa diplomática ao meu ex-colega enraivecido que parecia estar prestes a deitar-me por terra com um murro? Não valeria a pena lembrar-lhe que em alguns dos meus livros retratei os Serviços Secretos britânicos como uma organização mais competente do que alguma vez tivera razões para a considerar na vida real. Ou que um dos seus agentes mais seniores descreveu *O Espião Que Saiu do Frio* como «o raio da única operação de agentes duplos que alguma vez resultou». Ou que, ao descrever os nostálgicos jogos de guerra de um departamento britânico isolado no romance que tanto o enfurecera, talvez eu estivesse a tentar obter algo um pouco mais ambicioso do que um tosco ataque ao seu Serviço. E que Deus me ajude se eu sustentasse que, para quem seja um romancista a esforçar-se por explorar a psique de uma nação, o seu Serviço Secreto não é um local pouco razoável onde a procurar. Ficaria por terra antes de chegar ao verbo principal da frase.

Quanto ao facto de o seu Serviço não poder responder, bem, suspeito que não existe uma agência de espionagem em nenhuma parte do mundo ocidental que desfrute de um tratamento mais ameno por parte dos seus meios de comunicação nacionais do que a nossa. *Integrados* não lhe faz a devida justiça. Os nossos sistemas de censura, quer voluntários quer impostos por uma legislação vaga e draconiana, as nossas capacidades para granjear simpatias e a submissão coletiva do público britânico a uma vigilância total

de dúbia legalidade são a inveja de todos os espões, tanto no mundo livre como no não livre.

Também não valeria a pena chamar-lhe a atenção para as muitas memórias «aprovadas» de ex-membros, que retratam o Serviço com as roupagens com que ele gosta de ser admirado; ou para as «histórias oficiais», que lançam um véu tão indulgente sobre os seus atos mais hediondos; ou para os incontáveis artigos fabricados nos nossos jornais nacionais que resultam de almoços muito mais íntimos do que o que eu tive com Maurice Oldfield.

Ou que tal sugerir ao meu furioso amigo que um escritor que trata espões profissionais como seres humanos falíveis tal como o resto das pessoas está a prestar um modesto serviço à sociedade – até mesmo, que Deus nos ajude, uma função democrática, já que na Grã-Bretanha os nossos serviços secretos ainda são, para o bem e para o mal, o lar espiritual da nossa elite política, social e industrial?

Porque esse, caro ex-colega, é o limite da minha deslealdade. E esse, caro falecido Lorde Healey, é o limite do meu comunismo, o que, agora que penso nisso, não pode dizer-se sobre os seus tempos de juventude.

*

Meio século mais tarde, é difícil transmitir o ambiente de desconfiança que pairava sobre os corredores do poder secreto em Whitehall nos últimos anos da década de 1950 e no início da década de 1960. Eu tinha vinte e cinco anos quando, em 1956, fui formalmente admitido no MI5 como agente júnior. Se fosse mais novo, disseram-me, não poderia ser contratado. O Five [Cinco], como lhe chamávamos, orgulhava-se da sua maturidade. Infelizmente, não havia maturidade que evitasse que recrutassem luminárias como Guy Burgess e Anthony Blunt e os outros desgraçados

traidores desse período cujos nomes perduram, quais estrelas de futebol meio esquecidas, na memória do público britânico.

Eu entrei no Serviço com grandes expectativas. As minhas façanhas até essa data, embora triviais, tinham-me deixado com apetite por mais. Os meus chefes de operações tinham sido infalivelmente agradáveis, eficientes e atenciosos. Apelaram ao meu sentido de vocação e reanimaram-me a noção perdida de colegial do dever de sofrer. Como agente secreto em cumprimento do serviço militar obrigatório na Áustria, sentira um respeito intimidado pelos obscuros civis que periodicamente aterravam no nosso monótono aquartelamento em Graz e o imbuíam de uma mística que, a outros títulos, infelizmente lhe faltava. Foi só quando entrei na sua cidadela que caí na realidade de supetão.

Espiar um Partido Comunista britânico com cerca de vinte e cinco mil filiados que se mantinha de pé à custa de informadores do MI5 não correspondia às minhas aspirações. Nem a duplicidade de padrões segundo os quais o Serviço tratava os seus funcionários. O MI5, para o bem e para o mal, era o árbitro moral das vidas privadas dos funcionários públicos e dos cientistas britânicos. Ao abrigo dos procedimentos de triagem da época, considerava-se que os homossexuais e outras pessoas com comportamentos julgados desviantes eram vulneráveis a chantagens, e, por consequência, era-lhes vedado o acesso a postos nos serviços secretos. Mas o Serviço parecia não se importar com os homossexuais nas suas fileiras nem com o facto de o Diretor-Geral coabitar abertamente com a sua secretária durante a semana e com a esposa aos fins de semana, chegando até ao ponto de deixar instruções por escrito aos agentes de serviço à noite para o caso de a sua mulher telefonar a querer saber onde ele se encontrava. No entanto, que Deus ajudasse a datilógrafa da secretaria cuja saia fosse considerada demasiado curta ou demasiado justa, ou o funcionário que lhe fizesse olhinhos.

Enquanto os escalões superiores do Serviço eram ocupados por sobreviventes de certa idade dos dias de glória do período de 1939-45, os funcionários médios provinham da força policial e da administração colonial do Império Britânico em declínio. Embora pudessem ser experientes na repressão de nativos indisciplinados que tivessem a temeridade de quererem os seus países de volta, sentiam-se menos à vontade quando se tratava de guardar a pátria que mal conheciam. A classe operária britânica era tão instável e imprevisível para eles como, em tempos, os Dervixes em rebelião. Aos seus olhos, os sindicatos não eram mais do que fachadas de organizações comunistas.

Entretanto, os jovens caçadores de espões como eu, sedentos de sensações mais fortes, recebiam a ordem de não desperdiçarem o seu tempo a procurar «ilegais» controlados pelos soviéticos, visto que se sabia de fonte segura que não havia tais espões a operar em solo britânico. Sabido de quem e por quem, nunca cheguei a descobrir. Bastaram-me quatro anos. Em 1960, solicitei a transferência para o MI6, ou, nas palavras dos meus chefes descontentes, para «aqueles merdas do outro lado do parque».

Mas seja-me permitido a jeito de despedida reconhecer para com o MI5 uma dívida de gratidão que nunca poderei saldar cabalmente. A instrução mais rigorosa sobre como escrever em prosa que alguma vez recebi não a obtive de um professor do colégio ou lente universitário, muito menos de algum curso de escrita criativa. Veio dos agentes seniores com estudos clássicos no último andar da sede do MI5 em Curzon Street, Mayfair, que se iam aos meus relatórios com um pedantismo deleitado, manifestando desprezo pelas minhas orações incompletas e pelos meus advérbios desnecessários e riscando as margens da minha prosa chã com comentários como: *redundante – omita – justifique – vago – quer realmente dizer isto?* Nenhum editor que encontrei desde então foi alguma vez tão exigente ou teve tanta razão.

Na primavera de 1961, eu já tinha completado o curso de iniciação no MI6, que me habilitou com competências de que nunca viria a precisar e que esqueci rapidamente. Na cerimónia de conclusão, o chefe de treino do Serviço, um veterano tarimbado de rosto vermelhusco e casaco de *tweed*, disse-nos com lágrimas nos olhos que fôssemos para casa e aguardássemos ordens. Talvez demorassem algum tempo. A razão – que ele jurou nunca ter sonhado alguma vez ter de enunciar – era que um agente de longa data do Serviço, que desfrutara da sua total confiança, tinha sido desmascarado como agente duplo soviético. O seu nome era George Blake.

A escala da traição de Blake continua a ser monumental, mesmo pelos padrões daquele período: literalmente centenas de agentes britânicos – o próprio Blake já não conseguia calcular quantos – traídos; operações áudio encobertas, consideradas vitais para a segurança nacional, tais como, mas não exclusivamente, o túnel áudio de Berlim, desmascaradas antes de serem lançadas; e a revelação de todo o pessoal do MI6, de casas seguras, de ordens de serviço e de postos avançados por todo o globo. Blake, um agente operacional dos mais capazes em ambas as partes, era também alguém que procurava Deus, e que, até ser desmascarado, já tinha aderido ao cristianismo, ao judaísmo e ao comunismo por essa ordem. Detido na prisão de Wormwood Scrubs, da qual viria a evadir-se sensacionalmente, dava aulas sobre o Santo Alcorão aos seus camaradas presos.

Dois anos depois de receber a notícia perturbante da traição de George Blake, eu estava ao serviço da Embaixada britânica em Bona como segundo-secretário. Chamando-me ao seu gabinete num fim de tarde, o meu chefe de estação informou-me confidencialmente do que todos os ingleses leriam no jornal vespertino do dia seguinte: que Kim Philby, o brilhante ex-chefe de contrainteligência do MI6, em tempos apontado com possível

futuro chefe do Serviço, era também um espião ao serviço dos russos e, como só gradualmente nos foi permitido ficar a saber, já o era desde 1937.

Mais adiante neste livro lerão um relato da autoria de Nicholas Elliott, um amigo, confidente e colega na guerra e na paz de Philby, do seu encontro final em Beirute que levou à confissão parcial de Philby. E talvez possa passar-lhes pela cabeça que o relato de Elliott carece misteriosamente de expressões de ultraje ou até mesmo de indignação. A razão é muito simples. Os espiões não são nem polícias nem propriamente os realistas morais que gostam de pensar que são. Se a missão da vida de um agente é granjear traidores para a sua causa, não pode queixar-se quando afinal um dos seus, mesmo que o adorasse como a um irmão e querido colega e partilhasse todos os aspetos do seu trabalho secreto com ele, é recrutado pelo outro lado. Era uma lição que eu já tinha aprendido quando escrevi *O Espião Que Saiu do Frio*. E quando escrevi *A Toupeira* foi a luz toldada de Kim Philby que me alumiou o caminho.

A espionagem e a escrita de romances foram feitas uma para a outra. Ambas pedem um olhar atento à transgressão humana e às muitas vias para a traição. Aqueles de entre nós que alguma vez estiveram no mundo dos serviços secretos nunca realmente o deixam. Se não partilhávamos os seus hábitos antes de entrarmos nele, partilhá-los-emos para todo o sempre. Como prova disto, basta-nos olhar para Graham Greene e pensar no relato anedótico do seu jogo de raposas autoimposto com o FBI. Talvez esteja registado por um dos seus biógrafos menos respeitosos, mas é preferível não o procurar.

Ao longo do resto da sua vida, Greene, o romancista e ex-espião, sentiu-se convencido de que constava da lista negra do FBI de pró-comunistas subversivos. E tinha boas razões, dadas as suas numerosas visitas à União Soviética, a sua lealdade persistente e declarada para com o seu amigo e colega espião Kim Philby e as

suas fúteis tentativas de reconciliar a Igreja Católica com as causas comunistas. Quando o Muro de Berlim foi erigido, Greene fez-se fotografar posando do lado errado, dizendo ao mesmo tempo ao mundo que preferia estar lá do que cá. De facto, a aversão de Greene pelos Estados Unidos e o seu receio das consequências das suas declarações radicais atingiram tais proporções que ele insistia que todas as reuniões com o seu editor americano se realizassem do lado canadiano da fronteira.

Chegou por fim o dia em que ele pôde exigir ver o seu dossiê do FBI. Continha apenas uma entrada: que acompanhara a bailarina britânica politicamente errática Margot Fonteyn, quando ela lutava pela causa condenada do seu marido paralisado e infiel, Roberto Arias.

Não foi a espionagem que me levou ao secretismo. A evasão e os enganos eram as armas necessárias da minha infância. Na adolescência, de certo modo, somos todos espíões, mas eu era um verdadeiro veterano. Quando o mundo secreto veio chamar-me, foi como voltar para casa. A razão para tal é melhor deixá-la para um capítulo posterior, intitulado «Filho do pai do autor».